

SIGNIFICADOS EXPERIENCIAIS E INTERPESSOAIS EM UMA CARTILHA DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO¹

EXPERIENTIAL AND INTERPERSONAL MEANINGS IN A TEXTBOOK OF PORTUGUESE AS A HOST LANGUAGE²

DOI 10.20873/uft2179-3948.2022v13n1p22-40

Lorilei de Moraes Gugelmim³
Cristiane Fuzer⁴

Resumo: Este trabalho articula estudos da linguagem na perspectiva sistêmico-funcional ao contexto de Português como Língua de Acolhimento. O objetivo é evidenciar, por meio da análise de realizações léxico-gramaticais de transitividade, funções de fala e modalidade significados que constroem o campo e as relações em um material didático de Português como Língua de Acolhimento. Alicerçado na perspectiva sistêmico-funcional da linguagem (HALLIDAY, 1989; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), os resultados evidenciaram que as informações estão concentradas em dois campos *documentação* e *legislação*. Quanto à variável relações, verificou-se a prevalência de declarações e perguntas e o uso de modalidade para amenizar comandos.

Palavras-chaves: Linguística Sistêmico-Funcional; léxico-gramática; Português como Língua de Acolhimento.

Abstract: This work articulates language studies from a systemic-functional perspective to the context of Portuguese as a Host Language. The objective is to show, through the analysis of lexical-grammatical realizations of the transitivity, speech functions and modality meanings that build the field and the tenor in portuguese teaching material as a Host Language. Based on the systemic-functional perspective of language (HALLIDAY, 1989; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014), the results showed that the information is concentrated in the both fields

¹ Trabalho decorrente de parte dos resultados da pesquisa em nível de mestrado da primeira autora, vinculado ao projeto “Leitura e escrita em língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional: fase 2”, da segunda autora, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria.

² Work resulting from part of the research results at the master degree level Work resulting from part of the results by first author, linked to the project "Reading and writing in Portuguese in the systemic-functional perspective: phase 2", by the second author, in the Postgraduate Program in Letters at the Federal University of Santa Maria.

³ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), câmpus São Miguel do Oeste. E-mail: lorilei.moraes@ifsc.edu.br / Orcid: orcid.org/0000-0002-4435-4324

⁴ Pós-doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Mestra e Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com estágio doutoral na Faculdade de Letras de Lisboa, Portugal. Graduada em Letras. Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Coordenadora do programa de extensão Ateliê de Textos na UFSM desde 2011. E-mail: cristiane.fuzer@ufsm.br / Orcid: orcid.org/0000-0001-9499-6838

documentation and legislation. As for the tenor variable, there was a prevalence of statements and questions and the use of modality to soften commands.

Keywords: Systemic-Functional Linguistics; lexicogrammar; Portuguese as a Host Language.

Introdução

De acordo com o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), em matéria divulgada no *site* do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR, 2020), a população refugiada no Brasil é bastante diversificada, chegando aproximadamente a 50 mil pessoas de 55 países diferentes. Desses, 90% são venezuelanos. A ONU define *refugiados* como pessoas que estão fora de seu país natal em virtude de fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião pública, ou pertencimento a um determinado grupo social e, também, por motivo de violação grave e generalizada de direitos humanos (ACNUR, 2018).

Há, também, imigrantes que não se enquadram nas condições previstas pela legislação brasileira para o reconhecimento da situação de refúgio e, por isso, recebem o visto humanitário, instituído como um meio de proteção complementar ao refúgio. Esses grupos representam os três fluxos migratórios mais numerosos da atualidade no Brasil: do Haiti após o terremoto que assolou o país em 2010; da Síria devido à guerra civil, e da Venezuela em decorrência da grave crise humanitária.

Em linhas gerais, imigrantes e refugiados provenientes de deslocamentos forçados precisaram abandonar seu lugar de pertencimento, sua cultura, na maioria das vezes deixando seus familiares e amigos em seu país de origem. Ademais, ao chegarem ao país que os recebe, precisam enfrentar inúmeras dificuldades, dentre as quais destacamos a inserção linguística.

De acordo com a pesquisa *Migrantes, Apátridas e Refugiados* do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), realizada em 2015, em parceria com o Ministério da Justiça, a principal barreira encontrada por esse público é o domínio da língua. A inserção linguística possibilita ao imigrante e refugiado meios para se comunicar e interagir, o que lhe dá autonomia e contribui para o acesso e a permanência no mercado laboral e, conseqüentemente, proporciona sentimentos de pertencimento, dignidade e cidadania. A língua é, por conseguinte, o principal instrumento mediador nesse processo de integração social.

Nesse contexto de deslocamentos forçados, surgiu o termo Língua de Acolhimento, a princípio em Portugal, por meio do Programa “Portugal acolhe – Português para Todos”, em 2007, em decorrência especialmente do fenômeno social das correntes migratórias da África e Ásia para Portugal, no qual o aprendizado da língua era prioritário para a obtenção do visto de

refúgio. No Brasil, o termo PLAc tem sido usado como uma vertente do Português como Língua Adicional (PLA), termo que começou a ser utilizado na Linguística Aplicada no país por volta de 2008 e 2009 e se refere a uma língua adicional ao repertório do aluno que irá usá-la para a sua comunicação em imersão na comunidade linguística e cultural. Como o termo língua adicional não contempla as especificidades inerentes ao contexto de deslocamentos forçados, tem-se usado o termo PLAc para dar destaque a esse contexto específico. Segundo Grosso (2010), o conceito de língua de acolhimento não se refere apenas a aspectos linguísticos e culturais, mas também a aspectos emocionais e subjetivos inerentes ao contexto de deslocamentos forçados.

Esse contexto é focalizado, no presente trabalho, a partir do arcabouço teórico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que tem como base a Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1994) e de Halliday e Matthiessen (2004, 2014) que alicerçam as análises neste estudo. Um dos princípios basilares dessa teoria é o de que contextos precedem textos, e textos possibilitam previsões sobre contextos (HALLIDAY; HASAN, 1985).

Nessa perspectiva teórico-metodológica, este estudo contempla aspectos do contexto social que envolve refugiados, considerando a análise de realizações léxico-gramaticais das variáveis contextuais campo e relações nos textos presentes em uma cartilha de Português como Língua de Acolhimento em contexto brasileiro. O objetivo é evidenciar, por meio da análise de realizações léxico-gramaticais, significados ideacionais experienciais interpessoais que constroem o campo e as relações em um material didático que se propõe a ensinar os “primeiros passos linguísticos” (FEITOSA et al., 2015) para a integração dos refugiados no Brasil.

1 Princípios da Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF), que tem como premissas a teoria sociosemiótica de Halliday (1978, 1989), oferece ferramentas para descrição e análise da linguagem em uso nos mais diversos contextos sociais. Nessa perspectiva, o texto é concebido como unidade real de comunicação dotada de significado e produzido por um falante/escritor em uma situação de interação; é admitido como parte de rotinas sociais inseridas em um contexto cultural mais amplo (HALLIDAY, 1989). Nessa perspectiva, texto e contexto são indissociáveis. Eggins (2004, p. 7, tradução nossa) destaca que “o contexto está no texto: o texto traz consigo, como parte dele, aspectos do contexto em que foi produzido e, presumivelmente, no qual poderia ser considerado adequado”.

Para Halliday (1978), o potencial de significado de qualquer texto é definido pelo contexto em dois níveis: de cultura e de situação. O contexto de cultura está relacionado ao ambiente sociocultural, abrangendo crenças, valores, ideologias, instituições, convenções sociais, práticas entre outros. O contexto de situação, envolvendo uma situação em particular, é descrito a partir de três variáveis: campo, relações e modo (HALLIDAY, 1989). O campo se refere ao que está acontecendo, à natureza da atividade sociosemiótica e aos objetivos aos quais a linguagem se propõe em determinado contexto. A variável relações se refere aos participantes na situação, quais os papéis que desempenham e a relação entre eles. A variável modo se refere ao papel desempenhado pela linguagem (constitutiva, facilitadora), ao meio (escrito ou falado) e ao canal (fônico ou gráfico) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). Cada variável contextual está intrinsecamente relacionada a uma metafunção da linguagem: a variável campo está relacionada à metafunção ideacional; a variável relações à metafunção interpessoal, e a variável modo à metafunção textual (HALLIDAY, 1989). Tendo como base os conceitos de Halliday e Matthiessen (2004), Fuzer e Cabral (2010, p. 21) explicam que “metafunções são as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua: compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)”.

Segundo Halliday e Matthiessen (2014), os valores de campo ressoam os significados ideacionais, realizados no estrato léxico-gramatical pelo sistema de transitividade, e os valores de relações os significados interpessoais, que envolvem as funções de fala realizadas por modos oracionais e o sistema de modalidade.

O sistema de transitividade se refere à maneira como falantes/escritores usam a língua para expressar experiências do mundo material (ações e eventos desencadeados por atores) e do mundo interior, da consciência (lembranças, reações, reflexões e estados de espírito). Por isso, nesse sistema, a oração é vista como representação de uma figura semântica, que se constitui de processo, participantes e circunstâncias. Os processos são realizados tipicamente por grupos verbais associados a tipos de processos pelos quais as experiências humanas são representadas, dos quais três são considerados principais: materiais, mentais e relacionais e três secundários: verbais, comportamentais e existenciais. Os participantes, por sua vez, realizados tipicamente por grupos nominais, são entidades envolvidas no processo, pessoas ou coisas, seres animados e inanimados. Por fim, as circunstâncias, realizadas por grupos adverbiais ou preposicionais, indicam o modo, o tempo, o lugar, a causa, a duração, etc. em que o processo se desdobra. Na configuração processo- participante e circunstância, o processo é o elemento

central, na qual há pelo menos um participante inerente. Processo e participantes formam o centro experiencial da oração, enquanto elementos circunstanciais são opcionais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

O Quadro 1 apresenta exemplos de processos e respectivos participantes no contexto de excertos extraídos do *corpus* deste estudo.

Tipos de processo	Participantes	Exemplos ⁵
Material	Ator	A <i>senhora</i> deve retirar o seu RNE aqui mesmo [...]
	Meta	A <i>senhora</i> deve retirar o seu RNE aqui mesmo [...]
	Escopo-processo	Para dar respaldo às vítimas, existe a Lei Maria da Penha.
	Escopo-entidade	Coloque seus dados [...]
	Beneficiário receptor	Pessoas que deixam mochilas nas costas no corredor atrapalham quem está tentando passar!
	Beneficiário cliente	Permita-me que eu leve a senhora até uma das mesas.
	Atributo	Roberto trabalhava de cozinheiro no seu país.
Mental perceptivo	Experienciador Fenômeno	Caso use cartão para fazer pagamentos, evite que <i>alguém veja o número da senha</i>
Mental cognitivo		<i>Você sabia</i> o que é Disque Direitos Humanos?
Mental emotivo		Incomoda a todos quando a pessoa escuta música sem fones de ouvido!
Mental desiderativo		Havia punição com penas corporais para <i>quem discordasse da religião imposta pelos colonizadores.</i>
Relacional intensivo	Portador Atributo	<i>O crime de discriminação religiosa é inafiançável.</i>
Relacional possessivo	Identificado Identificador	<i>As chaves em um chaveiro pequeno com a bandeira do Haiti são de Daniel.</i>
Rel. circunstancial	Portador Atributo	<i>A seção de achados e perdidos é no segundo andar.</i>
Comportamental	Comportante Comportamento	[...] [você] tenha cuidado para preservar a sua segurança.
Verbal	Dizente	[Você] Peça para o médico escrever todas as instruções de tratamento.
	Verbiagem	Onde [eu] posso solicitar CTPS?
	Receptor	[Você] Peça para o médico escrever todas as instruções de tratamento.
	Alvo	Sim, mas o Cássio não para de <i>me chamar</i> de gorda [...]
Existencial	Existente	Até 1976, havia uma lei na Bahia que obrigava templos de matriz afro a se cadastrarem na delegacia.

Quadro 1 – Tipos de processos e participantes em orações⁶

Fonte: Elaboração das autoras com base em Halliday e Matthiessen (2014).

⁵ Em negrito, são destacados os processos, e em itálico os participantes.

⁶ Os exemplos presentes foram extraídos de excertos da cartilha *Pode entrar: Português do Brasil para Refugiadas e Refugiados*, de Feitosa et al. (2015), que constitui o universo de análise desta pesquisa.

Além de representar nossas experiências exteriores e interiores, a língua também é usada para estabelecer, manter e até mesmo romper vínculos comunicativos entre as pessoas. De acordo com Halliday e Matthiessen (2014), a metafunção interpessoal realiza a variável contextual relações, que diz respeito ao uso da língua para a adoção e a atribuição de papéis de fala, a negociação de atitudes, a interação entre os participantes. De acordo com Thompson e Thetela (1995), os participantes são classificados em participantes na interação e participantes no texto, chamados pelos autores de “escritor-no-texto” e “autor-no-texto”. Os participantes na interação são aqueles que evidenciam uma interação entre quem produz o texto e a quem se dirige o texto.

A relação entre os participantes se constrói na léxico-gramática no nível da oração como uma troca de informações (proposição) ou de bens e serviços (proposta), na qual dar implica receber, e solicitar implica dar em resposta (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014). A troca de bens e serviços ocorre quando o que se está solicitando é um objeto ou uma ação; nesse caso a linguagem é auxiliar no processo. A troca de informações ocorre quando se diz algo esperando obter uma informação; nesse caso a linguagem é o fim e também o meio, pois a resposta esperada é a verbal. Essas duas categorias (papel de troca e valores trocados) definem as quatro funções primárias de fala: oferta, comando, declaração e pergunta. As funções de fala podem ser realizadas por diferentes modos oracionais que lhes são típicos. O modo interrogativo realiza perguntas e ofertas; o declarativo realiza declarações, e o imperativo os comandos (FUZER; CABRAL, 2014).

Alternativamente, um modo oracional típico de uma função pode ser usado com outra função – como, por exemplo, o comando ser realizado no modo interrogativo o que configura o que Halliday e Matthiessen (2014) denominam de metáfora gramatical interpessoal. Os autores explicam que há duas formas de indicar comando, uma direta pelo modo oracional imperativo e outra indireta por comandos modalizados no modo oracional declarativo ou interrogativo.

O sistema de modalidade, conforme Halliday e Matthiessen (2014), é um recurso interpessoal utilizado para expressar opinião em graus intermediários entre os polos *sim* e *não*, havendo vários níveis de indeterminação situados entre *às vezes* ou *talvez*. A modalidade varia conforme o tipo de troca. Em proposições, ocorre modalização, que pode ser *probabilidade* e *usualidade*; em propostas, ocorre modulação, que pode ser *obrigação* e *inclinação*.

Em português, tanto a probabilidade quanto a usualidade podem ser expressas por diversos recursos léxico-gramaticais: por um operador modal finito no grupo verbal (*pode*,

deve); por um adjunto modal de probabilidade ou habitualidade (*possivelmente, talvez, certamente, frequentemente, sempre, eventualmente*); por grupos adverbiais (*sem dúvida, com certeza, às vezes, com frequência*), e por expressões como *é possível, é provável, é certo* (FUZER; CABRAL, 2014).

Em uma proposta, há dois tipos de modulação, dependendo da função de fala, se comando ou oferta. Em um comando, os pontos intermediários representam graus de obrigação: *permitido a, necessário a, obrigatório a*. Em uma oferta, eles representam graus de inclinação: *disposto a, ansioso para, determinado a*.

Com base nesses princípios da teoria sistêmico-funcional hallidayana, foram organizados os procedimentos metodológicos para análise do funcionamento da linguagem em textos de uma cartilha usada para o ensino de PLAc no Brasil.

2 Metodologia de análise

Este estudo apresenta como universo de análise o material didático *Pode entrar: Português do Brasil para Refugiadas e Refugiados* (FEITOSA et al., 2015) direcionado ao ensino e aprendizagem de PLAc. O referido material foi produzido pelo Curso Popular Mafalda, o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e a Caritas Arquidiocese de São Paulo. Segundo as autoras, o propósito do material didático é auxiliar refugiadas e refugiados “a darem os primeiros passos para a sua integração ao nosso país” (FEITOSA et al., 2015, p.3). O material está disponível para *download* gratuito.

Para o *corpus* de análise, foram selecionados os textos factuais⁷, cujo propósito sociocomunicativo é informar, de acordo com estudos descritivos de gêneros de textos da Escola de Sydney (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012). O Quadro 2 traz indicadores dos textos que constituem o *corpus*.

CAPÍTULO	TEXTO	SEÇÃO/TÍTULO
1	1	1.1 Diálogo
	2	Você sabia?
	3	Formulários
4	4	Você sabia?
5	5	Você sabia?

⁷ Uma análise de textos que instanciam gêneros que compartilham o propósito de informar é feita por Gugelmim (2021).

6	6	Você sabia?
7	7	7.4 Dicas importantes na cidade!
	8	7. 5 Alimentos processados e ultra processados
8	9	Você sabia?
9	10	9.5 No ônibus
	11	Você sabia?
10	12	10.3 Leitura
11	13	11.5 O direito ao voto no Brasil
12	14	12.3 Direitos Humanos
	15	Você sabia?

 Quadro 2 – *Corpus* de análise

Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

Para a descrição dos significados ideacionais experienciais que indicam o campo do contexto, foram adotados os seguintes passos:

- identificação das atividades sociais realizadas por meio da linguagem e dos objetivos a que cada texto do *corpus* se propõe por meio do levantamento de pistas da variável campo;
- categorização das atividades em práticas sociais que envolvem imigrantes e refugiados;
- análise do sistema de transitividade para identificação dos processos que representam tipos de experiências realizadas pela linguagem e para identificação da função desempenhada pelos participantes na oração.

Para a descrição dos significados interpessoais que indicam a variável relações do contexto, foram adotados os seguintes passos:

- identificação dos participantes no texto e participantes na interação;
- análise das ocorrências das funções primárias de fala (declaração, pergunta, oferta e comando) e da forma como são apresentadas (proposições e propostas);
- análise do sistema de modalidade com a identificação das ocorrências de modalização e modulação.

3 Significados experienciais e interpessoais no *corpus*

Partindo da premissa de que os 15 textos se caracterizam por apresentar informações ao público-alvo, haja vista ter sido esse o critério de seleção do *corpus*, foi feito o levantamento das atividades realizadas por meio da linguagem e categorizadas as práticas sociais mais evidentes em cada texto, conforme mostra o Quadro 3.

Práticas sociais: Campo	Aspectos abordados	Texto
Documentação para acessar direitos e serviços	RNE (Registro Nacional de Estrangeiro)	1
	CPF	2
	RNE e CPF	3
Legislação	Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)	4
	Questões relativas ao trabalho no Brasil Direito à CTPS Proibição do trabalho infantil, trabalho escravo e da exploração sexual	6
	Direito à liberdade de crença no Brasil Lei que considera crime a prática de discriminação ou preconceito contra as religiões	12
	Direito ao voto no Brasil (imigrantes e refugiados somente após naturalização)	13
	Direitos Humanos Características mais importantes da Declaração Universal dos Direitos Humanos	14
Segurança	Cuidados com a segurança em lugares públicos	7
	Segurança da mulher	5
Alimentação	Categorias de alimentos: <i>in natura</i> , processados e ultra processados	8
Saúde pública	Atendimento de saúde pública e gratuito	9
Transporte público	Atos que incomodam os passageiros dentro de um veículo público	10
	O uso do Bilhete Único	11
Direitos humanos	Disque Direitos Humanos	15

Quadro 3 – Categorização das práticas sociais representadas nos textos

Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

O Gráfico 1 mostra a frequência das práticas sociais identificadas nos textos.

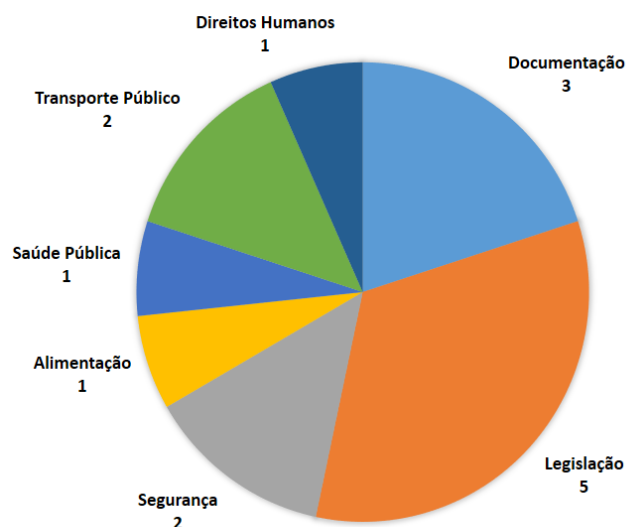


Gráfico 1 – Frequência das práticas sociais no *corpus*
Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

A categorização das atividades realizadas pela linguagem evidenciou a concentração das práticas sociais em dois campos: *legislação* e *documentação para acessar direitos e serviços*. Esses campos estão inter-relacionados, visto que imigrantes e refugiados, quando chegam ao país, precisam providenciar a documentação de acordo com a legislação brasileira e, conseqüentemente, com a documentação podem acessar direitos e serviços. Com efeito, informações acerca dessas práticas sociais são relevantes no contexto de PLAc.

Com menos frequência, aparecem as práticas sociais *segurança* e *transporte público*, com duas ocorrências; *alimentação*, *saúde pública* e *direitos humanos*, com uma ocorrência cada. Além dos resultados que evidenciaram as práticas sociais nos textos, foi possível identificar lacunas em relação a outras práticas sociais relevantes nesse contexto que não estão presentes no *corpus*, como por exemplo, moradia e educação.

Esse resultado vai ao encontro do contexto de produção da cartilha, para a qual, de acordo com uma das autoras e editora responsável pelo material, Talita Amaro, foi realizado um levantamento prévio com imigrantes e refugiados a respeito das principais necessidades deles no processo inicial de interação social. Esse levantamento serviu de base para as temáticas abordadas no referido material, destacando-se o seu caráter social ao buscar responder a necessidades apontadas pelos próprios imigrantes e refugiados, além disso, partir das necessidades mais urgentes desse público-alvo faz parte das peculiaridades do ensino e aprendizagem de PLAc.

Quanto aos tipos de experiências realizadas por meio da linguagem, a análise do sistema de transitividade evidenciou que os tipos de processos mais recorrentes no *corpus* são os relacionais (44%), seguidos dos materiais (36%). Com menor frequência, os verbais e os mentais (ambos com 8%) e os comportamentais e os existenciais (ambos com 2%).

Predominam as orações relacionais em oito textos (textos 1, 2, 4, 5, 8, 12, 14 e 15) e as orações materiais em quatro (textos 7, 9, 10 e 11). Em três textos (3, 6 e 13), orações relacionais e materiais apresentam o mesmo número de ocorrências, como mostra o Gráfico 2.

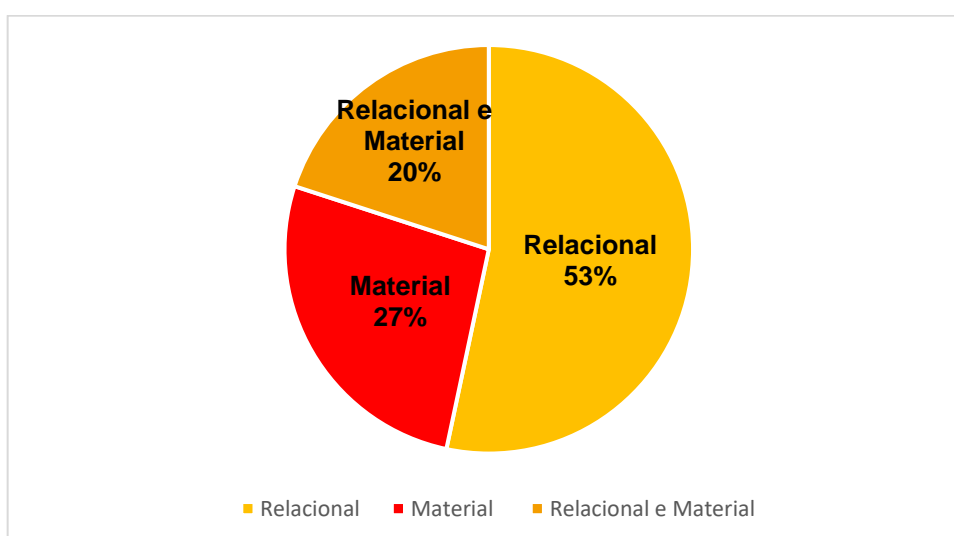


Gráfico 2 – Tipos de orações mais frequentes no *corpus*
 Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

As orações relacionais são usadas para descrever e classificar as informações repassadas aos imigrantes e refugiados. As orações materiais, por sua vez, são usadas para orientar e instruir o que fazer e não fazer.

Quanto à função que os participantes desempenham na oração, a análise do sistema de transitividade evidenciou que as funções mais recorrentes no *corpus* são Ator (19%), Portador e Atributo (18%), Identificado e Identificador (8%).

Destaca-se que na função de Ator, explicitamente ou em elipse, aparecem principalmente termos que se referem aos imigrantes e refugiados, conforme exemplos no Quadro 4.

Texto	Exemplos
-------	----------

1	Pronto! <i>A senhora</i> deve retirar o seu RNE aqui mesmo neste posto em 10 dias úteis.
3	Onde [<i>eu</i>] posso renovar ou solicitar pela primeira vez o RNE?
5	Para qualquer [<i>sic</i>] informações sobre questões de violência contra as mulheres e para [<i>você</i>] saber como agir, LIGUE [<i>você</i>]/180.
6	<i>Os refugiados e solicitantes de refúgio</i> podem trabalhar formalmente e são titulares dos mesmos direitos inerentes a qualquer outro (a) trabalhador (a) no Brasil.
7	Evite fazer [<i>você</i>] transações com dinheiro em bancos sozinho (a).
9	Sempre chegue [<i>você</i>] no horário.
10	Esta é a Tamires. <i>Ela</i> usa o ônibus todos os dias.
11	Para usar o transporte público em São Paulo, <i>você</i> pode adquirir o Bilhete Único, que é mais prático e pode ser também mais econômico.
13	<i>Você</i> pode votar assim que obtiver a naturalização brasileira!
15	As ligações podem ser feitas de todo o Brasil por meio de discagem direta e gratuita, de qualquer terminal telefônico fixo ou móvel, bastando [<i>você</i>] discar 100.

 Quadro 4 – Imigrantes e refugiados na função de Ator no *corpus*⁸

Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

Em relação às funções dos participantes Portador e Atributo, Identificado e Identificador, os termos remetem a diferentes participantes no texto, incluindo imigrantes e refugiados, os quais não são a maioria a exercer essas funções na oração, especialmente em relação às funções Identificado e Identificador. O Quadro 5 apresenta exemplos de participantes que desempenham as referidas funções.

Texto	Função	Exemplo
2	Portador e Atributo	<i>O CPF é um dos principais documentos para cidadãos residentes no Brasil.</i>
4		<i>O Brasil tem uma lei especial para proteger crianças e adolescentes.</i>
6		<i>Este documento é obrigatório para o exercício de atividades profissionais [...]</i>
		<i>Os refugiados e solicitantes de refúgio têm direito à carteira de trabalho [...]</i>
4	Identificado e Identificador	<i>A criança e o adolescente têm o direito de ser educados e cuidados [...]</i>
8		<i>Alimentos em natura são produtos naturais.</i>
10		<i>Esta é a Tamires.</i>
12		<i>A pena prevista é a prisão por um a três anos e multa.</i>

 Quadro 5 – Exemplos de orações com Portador, Atributo, Identificado e Identificador no *corpus*

Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

⁸ Nos Quadros 4, 5 e 6, os participantes estão destacados em itálico.

Esses dados evidenciam que o principal agente das ações recomendadas na cartilha são os imigrantes e refugiados a quem são repassadas as orientações e informações.

Em relação aos significados interpessoais que realizam a variável relações do contexto, o levantamento dos participantes e da função que desempenham nas orações apontou as autoras da cartilha como participantes na interação (“escritor-no-texto”, conforme Thompson e Thetela, 1995) em 14 dos 15 textos, visto que nenhum desses textos apresenta referência a fontes de pesquisa⁹. No único texto que apresenta fonte, os participantes são o *site* da Secretaria dos Direitos Humanos do Governo Federal de onde o texto foi retirado e o público-alvo, imigrantes e refugiados. Os participantes a quem as informações e instruções são dirigidas remetem aos próprios leitores da cartilha.

Assim, os participantes na interação coincidem com os participantes no texto, como mostra o Quadro 6, já que desempenham funções na transitividade da oração, seja Ator, Meta, Experienciador, Atributo, entre outras.

Participantes na interação e no texto simultaneamente	Texto
<i>Você</i> sabe preencher seus dados? Coloque [<i>você</i>] seus dados.	3
<i>Os refugiados e solicitantes de refúgio</i> têm direito à carteira de trabalho [...]	6
[...] preste atenção [<i>você</i>] e tenha cuidado [<i>você</i>] para proteger sua segurança.	7
Esta é Tamires. [...] ela <i>nos</i> diz quais atos mais incomodam dentro do veículo público e que [<i>nós</i>] devemos estar atentos para não reproduzir.	10
Para usar o transporte público em São Paulo, <i>você</i> pode adquirir o Bilhete único.	11

Quadro 6 – Exemplos de participantes na interação e no texto simultaneamente

Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

O uso dos pronomes *nós* e *nos* indica a inclusão das autoras da cartilha e dos estudantes refugiados, trazendo-os para dentro da mesma situação comunicativa e, assim, estabelecendo uma relação de proximidade entre os interlocutores. Já nas atividades das quais apenas o público-alvo participa, são usados os pronomes *você*, *sua*, *seus* e os termos *refugiados* e *solicitantes de refúgio*. Essas marcas linguísticas contribuem para estabelecer uma relação direta e hierárquica entre os participantes, na qual as autoras da cartilha desempenham o papel

⁹ O material didático é apresentado como “cartilha”, e não como livro didático, o que pode explicar a ausência de referências a fontes externas junto aos textos.

de concededoras do contexto brasileiro e, por isso, podem compartilhar informações com os imigrantes recém-chegados ao país.

A preocupação da cartilha com a troca de informações com o público alvo, de modo a dar a conhecer sobre as práticas sociais, é confirmada pela predominância de proposições no *corpus* (em 13 dos 15 textos). Quanto às funções de fala, são dadas mais *declarações* (99 ocorrências) do que solicitadas *perguntas* (17 ocorrências), como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 – Sistematização das ocorrências de funções de fala no *corpus*

Texto	Proposições		Propostas	
	Declaração	Pergunta	Oferta	Comando
1	15	8	Não ocorre	1 metáfora gramatical
2	2	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
3	6	2	Não ocorre	2 comandos diretos
4	2	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
5	7	Não ocorre	Não ocorre	1 comando direto
6	11	3	Não ocorre	3 metáforas gramaticais
7	1	Não ocorre	Não ocorre	10 comandos diretos
8	3	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
9	2	Não ocorre	Não ocorre	5 comandos diretos
10	8	1	Não ocorre	1 comando direto e 1 metáfora gramatical
11	3	Não ocorre	Não ocorre	3 metáforas gramaticais
12	17	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
13	6	Não ocorre	Não ocorre	1 metáfora gramatical
14	12	Não ocorre	Não ocorre	Não ocorre
15	4	3	Não ocorre	Não ocorre
Total	99	17	0	28

Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

O Texto 1, por exemplo, reproduz uma situação comunicativa em que uma refugiada está solicitando um documento e, para isso, ela responde a um questionário sobre dados pessoais no posto da Polícia Federal, o que justifica a elevada frequência de ocorrências de *pergunta* em comparação com os outros textos.

As propostas, embora com menor frequência (28 ocorrências) do que as proposições (116 ocorrências), são relevantes, pois demandam dos leitores atividades que, no contexto da cartilha, funcionam como instruções sobre o que refugiados podem fazer, como proceder ou o que evitar em determinados campos.

As propostas aparecem por meio de comandos diretos (realizados no modo oracional imperativo) em 05 textos, em quatro desses textos os comandos diretos prevalecem; e, comandos indiretos (realizados por meio de metáfora gramatical com recurso de modalidade) em 05 textos. Comandos modalizados suavizam o tom que, por vezes, poderia parecer autoritário, estabelecendo uma relação mais dialógica com os imigrantes e refugiados.

A ausência de ocorrências da função de fala *oferta* no *corpus* é coerente com o propósito fundamental desses textos na cartilha, em que as autoras se colocam na posição de fornecer informações e instrui a agir, em vez de executar as atividades para os interlocutores.

A análise das ocorrências do sistema de modalidade nos textos evidenciou um percentual superior de modulações em relação às modalizações. Das 36 ocorrências do sistema de modalidade encontradas, 26 são do tipo modulação, e 10 são do tipo modalização, conforme ilustra o Gráfico 3.

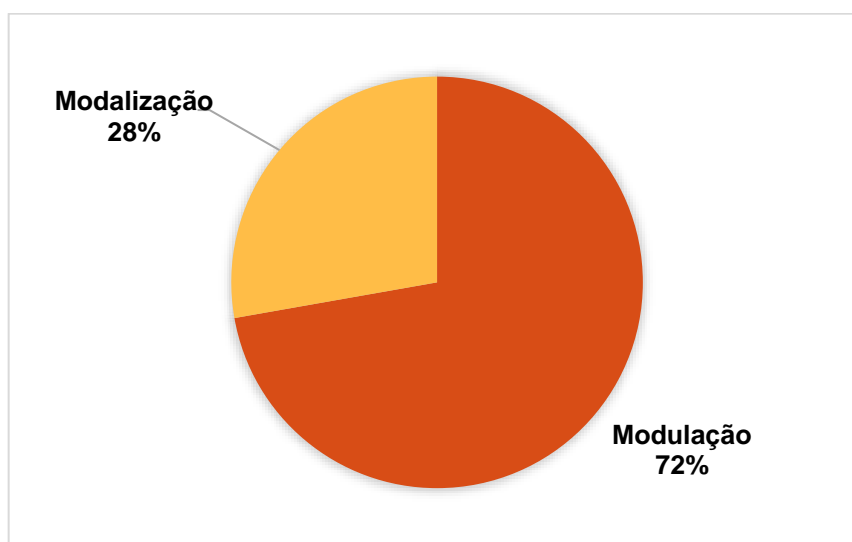


Gráfico 3 – Frequência de modulação e modalização no *corpus*
Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

Porém, ao relacionar modulações e modalizações ao campo em que se encontram, percebemos que as modulações estão concentradas em duas práticas sociais – *Documentação para acessar direitos e serviços* (oito modulações) e *Legislação* (11 modulações) o que explica

o número expressivo de modulações, pois essas práticas estão relacionadas a leis, regulamentos e obrigações, que se encontram no eixo das necessidades, das obrigações. Na sequência, aparecem *Transporte público* (5 modulações), *Saúde pública* (uma modulação) e *Alimentação* (uma modulação). O Gráfico 4 apresenta a frequência de modulações relacionadas às práticas sociais.

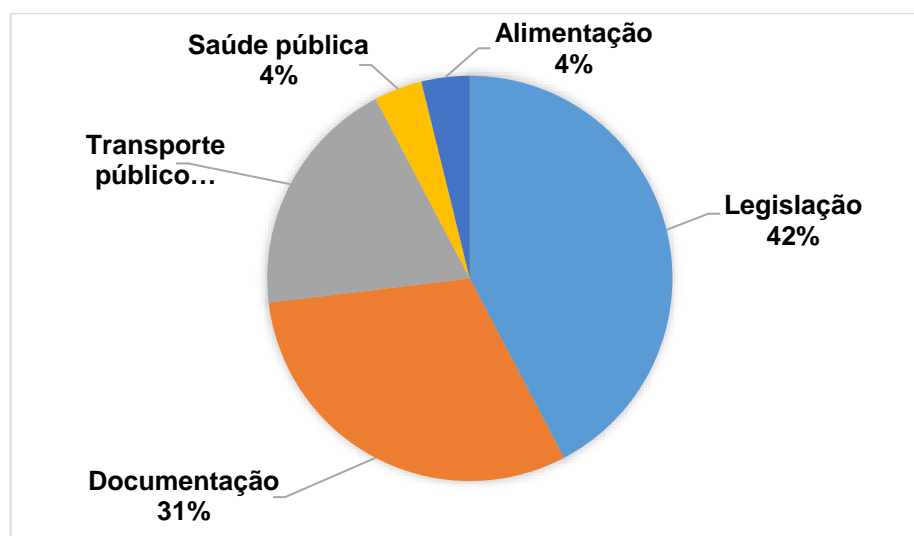


Gráfico 4 – Percentual de modulações em relação às práticas sociais
Fonte: Elaboração das autoras, Santa Maria, 2021.

As ocorrências de modulação indicam, portanto, em que campos se concentram os deveres e obrigações de imigrantes e refugiados no Brasil. As modalizações, por sua vez, apresentam um número bem menor de ocorrências – 10 em um total de 36 (28%) e estão concentradas em três práticas sociais: *Legislação*, *Transporte público* e *Documentação*. Todas essas ocorrências estão relacionadas à troca de informações.

Considerações finais

Este estudo apresentou as realizações linguísticas que evidenciam as variáveis contextuais campo e relações, com foco no sistema de transitividade, sistema de modalidade e funções de fala, em textos presentes na cartilha *Pode Entrar – Português do Brasil para Refugiadas e Refugiados*, de Feitosa et al. (2015), lançado pela Agência da ONU para Refugiados (ACNUR), especificamente para os refugiados no Brasil.

A categorização das práticas sociais identificadas nos textos possibilitou identificar em que campos estão concentradas as informações transmitidas aos imigrantes e refugiados.

Destacaram-se os campos *Documentação para acessar direitos e serviços* e *Legislação*, práticas sociais relevantes no contexto de deslocamentos forçados, o que justifica a importância de informações sobre essas práticas no material didático. Cabe destacar a importância do levantamento prévio realizado pelas autoras da cartilha junto a imigrantes e refugiados, com o objetivo de levantar as principais dificuldades enfrentadas por esse público no processo de integração social no Brasil. Dessa forma, o referido material apresenta uma função social e contempla as especificidades da área de PLAc, na qual o público-alvo busca por meio da linguagem participar das práticas sociais para, assim, tornar-se integrante da sociedade que o recebe.

Por meio da análise do sistema de transitividade foi possível identificar quais tipos de orações evidenciam as práticas sociais categorizadas nos textos. Com maior recorrência no *corpus*, estão as orações relacionais, atributivas seguidas das identificativas, cujos processos são usados para caracterizar, identificar, definir, classificar e comparar entidades que estão relacionadas às práticas sociais. Na sequência, aparecem as orações materiais cujos processos do *fazer* e do *acontecer* estão relacionados especialmente às ações recomendadas aos imigrantes e refugiados. Com um número bem menor de ocorrências aparecem orações verbais, mentais, comportamentais e existenciais respectivamente. Quanto à função desempenhada pelos participantes na oração, destaca-se que na função de Ator, majoritariamente, de forma explícita ou em elipse, estão os imigrantes e refugiados a quem são repassadas as informações e orientações e que serão os agentes dessas ações.

No que se refere aos significados interpessoais que realizam a variável relações, a análise evidenciou o uso de recursos interpessoais que promovem interação direta com o público-alvo, por meio do pronome *você* (explícito ou em elipse) e dos termos *imigrantes e refugiados* estabelecendo, buscando o engajamento do leitor no texto. Além disso, a prevalência de proposições (por meio, principalmente, de declarações e, com menor frequência, perguntas) em detrimento de propostas (por meio de comandos diretos e indiretos) evidencia o papel da língua para a troca de informações, para dar a conhecer sobre as práticas sociais, e para a troca de instruções sobre o que fazer ou como proceder no campo da legislação brasileira. Por fim, destacamos o uso do modo oracional interrogativo para estabelecer interação direta com os interlocutores, chamando-os para a situação comunicativa, engajando-os. Esses recursos linguísticos utilizados estabelecem “vínculos” entre os interlocutores, promovem a agentividade de imigrantes e refugiados, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao local que os recebe. Dessa forma, contempla-se as particularidades do contexto de PLAc, no qual o

ensino da língua não se restringe aos conhecimentos linguísticos, visto que a língua de acolhimento serve como elo para a interação na sociedade.

As realizações linguísticas dos significados experienciais e interpessoais apresentadas neste estudo apontam aspectos relevantes no contexto de PLAc, como a importância do conhecimento prévio sobre os campos em que o público-alvo demonstra ter mais necessidade, o que pode contribuir para a seleção de temáticas dos textos que serão usados nas aulas. Outro aspecto é o modo como as informações são fornecidas aos leitores do material didático. As realizações linguísticas dos significados interpessoais demonstram a tentativa de proximidade das autoras com o público-alvo, evidenciando um tom mais dialógico que busca do engajamento desse público. Assim, é possível evidenciar a tentativa de acolhimento por meio das escolhas linguísticas evidenciadas neste estudo, partindo-se das necessidades do público-alvo, incluindo-os e chamando-os à participação no processo de ensino e aprendizagem de PLAc.

REFERÊNCIAS

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Refugiado x Migrante. ACNUR, 2018. Disponível em: <https://help.unhcr.org/brazil/asylum-claim/refugiado-x-migrante/>. Acesso em: 26 maio 2021.

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Brasil reconhece mais 7,7 mil venezuelanos como refugiados. *Agência da ONU para Refugiados*, 28 ago. 2020. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/08/28/brasil-reconhece-mais-77-mil-venezuelanos-como-refugiados/>. Acesso em: 13 mar. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça; IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Migrantes, Apátridas e Refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil*. Brasília, DF: Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos (SAL); IPEA, 2015. (Pensando o Direito, 26)

EGGINS, S. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. London: Continuum, 2004.

FEITOSA, J. *et al. Pode Entrar – Português do Brasil para Refugiadas e Refugiados*. São Paulo: ACNUR, 2015. Disponível em: http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2015/Pode_Entrar.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

FUZER, C.; CABRAL, S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Santa Maria, RS: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

FUZER, C.; CABRAL, S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GROSSO, M. J. R. Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, DF, v. 9, n.2, p. 61-77, 2010.

GUGELMIM, L.M. *Textos factuais em material didático de Português como Língua de Acolhimento: um estudo de gêneros de texto na perspectiva sistêmico-funcional*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2021.

HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K. *Language as Social Semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 3-49.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London/New York: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4. ed. London/New York: Routledge, 2014.

MARTIN J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox, 2008.

ROSE, D.; MARTIN, J. R. *Learning to write, Reading to learn: genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School*. London: Equinox, 2012.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: The management of interaction in written discourse. *Text*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 103-127, 1995.

Recebido em 30 de abril de 2022
Aceito em 04 de outubro de 2022